

O eu e o mundo: o percurso teórico de Ferenczi até a formulação do conceito de introjeção

The ego and the world: Ferenczi's theoretical path until the formulation of the concept of Introjection

João Alves Maciel Neto¹

Fátima Caropreso²

Resumo: O conceito de “introjeção” é uma das proposições teóricas mais reconhecidas de Sándor Ferenczi. Formulado em 1909, é muitas vezes tido como sua contribuição psicanalítica inaugural. Entretanto, ao analisar alguns de seus trabalhos psicanalíticos anteriores àquele sobre a introjeção, é possível identificar uma linearidade em seu pensamento referente à incorporação de elementos do mundo ao eu. Em “Do alcance da ejaculação precoce” (1908) e “Psicanálise e Educação” (1908), Ferenczi chama atenção para como aspectos específicos da sociedade são absorvidos pelo sujeito desde a infância. Em “Transferência e Introjeção” (1909), enfim, ele sustenta que há no psiquismo um mecanismo primordial, chamado “introjeção”, que desde cedo é responsável por incorporar elementos do mundo externo ao eu. O objetivo desse trabalho é argumentar que Ferenczi elaborou uma teoria original sobre a apreensão de elementos do mundo externo, a qual se inicia antes da formulação do conceito de introjeção, e ressaltar a importância do resgate da metapsicologia desse autor.

Palavras-chave: Ferenczi. Metapsicologia. Introjeção. Projeção. Eu.

Abstract: The concept of “introjection” is one of the most recognized contributions from Sándor Ferenczi. Formulated in 1909, it is often considered his first psychoanalytic contribution. However, when analyzing some of his previous psychoanalytical works, it is possible to identify a linearity in his thoughts regarding the inclusion of elements from the external world into the ego. In “The effect on women of premature ejaculation on

¹ Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil (2020). Pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

² Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil (2006). Professora Associada da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

men” (1908) and “Psychoanalysis and education” (1908), Ferenczi highlights how certain societal aspects are absorbed by the individual since their childhood. Then, in “Introjection and Transference” (1909), Ferenczi defends the existence of a primordial mechanism, called “introjection”, which is responsible for incorporating elements from the world early on into the ego. The aim of this study is to argue that Ferenczi elaborated an original theory on the apprehension of elements of the external world, which starts before his formulation of the concept of introjection, and to stress the relevance of rescuing his metapsychology.

Keywords: Ferenczi. Metapsychology. Introjection. Projection. Ego.

1. Introdução

O psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, ao longo de sua obra, formulou diversas hipóteses teóricas e clínicas sobre a relação do psiquismo com o mundo externo. A obra desse autor, consideravelmente deixada de lado após sua morte em 1933, passou a ser revisitada a partir da década de 1980 devido a impasses na adaptação da psicanálise às novas demandas da contemporaneidade (Kupermann, 2019). Vários de seus textos foram redescobertos e traduzidos para outros idiomas, incluindo o português. Desde a década de 1990, o interesse pela obra de Ferenczi aumentou, assim como o número de publicações sobre seu pensamento (Honda, 2018). Suas contribuições clínicas e técnicas, contudo, têm sido retomadas com mais frequência do que aquelas teóricas, epistemológicas e metapsicológicas (Câmara & Herzog, 2014; Caropreso, 2019), uma lacuna ainda a ser preenchida no resgate e no estudo da totalidade da obra desse autor.

Um dos pontos frequentemente enfatizados por Ferenczi é a importância da dimensão ambiental na constituição do sujeito. Esse tópico é destacado em suas hipóteses metapsicológicas (Honda, 2018; Brum, 2019) e também em sua clínica (Kupermann, 2019). A ênfase dada pelo autor ao aspecto ambiental relaciona-se diretamente a outros importantes temas de seu interesse, como os primeiros anos do desenvolvimento psíquico (Mészáros, 2014; Herzog & Pacheco-Ferreira, 2015) e as primeiras relações objetais (Kupermann, 2019).

Essas questões estão presentes na obra de Ferenczi desde seus primeiros trabalhos psicanalíticos, especialmente em “Transferência e Introjeção” (1909a/1916). Publicado em 1909, apenas um ano após o primeiro encontro deste com Freud, esse texto é

considerado por diversos autores como um dos trabalhos clássicos e mais importantes de Ferenczi (Balint, 1964; Dean-Gomes, 2016; Cassullo, 2018; Cabré, 2019; Kupermann, 2019). Nesse escrito, ao abordar os primórdios da constituição subjetiva a partir da atuação de certos mecanismos que possibilitariam a relação do psiquismo com o mundo externo, o autor formula algumas ideias fundamentais ao desenvolvimento de suas construções metapsicológicas futuras sobre o funcionamento do psiquismo. Dentre essas ideias, encontra-se o conceito de “introjeção”, que consistiria em um mecanismo psíquico responsável por incluir elementos do mundo externo ao eu.

No entanto, ainda que esse trabalho tenha ficado marcado na obra de Ferenczi devido à sua grande importância para esta como um todo, ele não é o primeiro em que o autor trata de questões relacionadas à constituição subjetiva e a influência do mundo externo. É possível encontrar contribuições sobre esse tema em algumas de suas publicações psicanalíticas anteriores. Cassullo (2018) nota que Ferenczi já apresentava considerável domínio de conceitos psicanalíticos no texto sobre a introjeção, tendo em vista o seu curto tempo na psicanálise no momento da sua publicação, e aponta a necessidade de uma análise mais aprofundada dos textos anteriores do autor. Enquanto essa autora aborda tal problema a partir dos trabalhos de Ferenczi prévios à entrada deste no movimento psicanalítico, no presente trabalho focaremos o conteúdo de seus primeiros escritos já pautados na teoria psicanalítica.

Para esse fim, destacam-se três trabalhos específicos. Em “Sobre o significado da ejaculação precoce” (Ferenczi, 1908c/1955), primeiro artigo psicanalítico de Ferenczi, são postas algumas questões sobre a influência do ambiente na constituição e na satisfação sexual – especialmente para a mulher, cuja sexualidade seria mais restringida pelo meio. Em “Psicanálise e Educação” (Ferenczi, 1908b/1955), são feitas algumas considerações sobre o papel da educação no desenvolvimento psíquico, visto que ela potencializaria a neurose nas ocasiões em que fosse veementemente contra o princípio do prazer. Em “Transferência e Introjeção” (Ferenczi, 1909a/1916), enfim, o autor apresenta alguns mecanismos psíquicos primordiais atuantes na constituição do eu e em sua relação com o mundo externo. As ideias de Ferenczi presentes nesse texto complementam diretamente o que fora trazido pelo autor anteriormente, percurso que pretendemos traçar a seguir.

2. As primeiras formulações psicanalíticas de Ferenczi – sexualidade e sociedade

O primeiro artigo psicanalítico de Ferenczi, “Sobre o significado da ejaculação precoce”³ (1908c/1955), foi publicado no mesmo ano em que este se encontrou com Freud, em 1908. Ainda que o autor não chegue a teorizar nesse trabalho, precisamente, sobre o processo de formação e desenvolvimento do psiquismo, cabe analisar alguns pontos discutidos por ele nesse texto. Comentadores como Borgogno (1999), Lescovar e Safra (2005) e Tucci (2020) consideram que esse trabalho pode ser considerado um cartão de visita dos interesses e compromissos posteriores de Ferenczi na psicanálise, e contém pontos chave que orientaram suas investigações posteriores.

Nesse texto, Ferenczi (1908c/1955) aborda certas causas sociais que dificultam uma vida sexual satisfatória. O autor foca, especialmente, a sexualidade feminina, a maior condenação desta naquele contexto social, e como esse último fator repercute diretamente na formação de sintomas neuróticos. Borgogno (1999) argumenta que, ao abordar esse tema, Ferenczi apresenta um direcionamento decididamente intersubjetivo, e não apenas intrapsíquico, o que repercutirá em toda sua teorização posterior.

Ferenczi (1908c/1955, p.291) deixa claro seu objetivo já na abertura do texto. Ele diz:

Já existe uma extensa literatura que lida com as causas mentais e fisiológicas da ejaculação precoce e descreve as condições nervosas que a acompanham. Por outro lado, há pouco ou nada sobre as consequências disso na vida mental e nervosa do sexo feminino.

Uma dessas consequências, segundo Ferenczi, consiste nos quadros de neurose de angústia, resultantes do acúmulo de excitação sexual não descarregada. No homem, isso ocasionalmente culminaria em casos de ejaculação precoce, mas ainda assim ele teria certo prazer e chegaria ao orgasmo. Já a mulher receberia tão pouco estímulo que não atingiria o orgasmo ao fim abrupto da relação, ou mesmo manter-se-ia anestésica.

Ferenczi (1908c/1955) argumenta que, devido ao fato de que o direito à libido e ao orgasmo ser garantido apenas ao homem naquele contexto social, a mulher que demonstra possuir tais vontades e necessidades acaba por receber uma estigmatização negativa, inclusive de si própria. Ele exemplifica esse cenário ao indicar que, em muitos casos de neurose de angústia causados pela insatisfação sexual, as pacientes defendem-se vigorosamente da possibilidade de obter tal satisfação com o argumento de que não são

³ Título traduzido do original em húngaro (Ferenczi, 1908c/1955). O título da edição em inglês pode ser traduzido como “*O efeito nas mulheres da ejaculação precoce dos homens*” (Ferenczi, 1908c/1955). A edição em português recebeu o nome de “*Do alcance da ejaculação precoce*” (Ferenczi, 1908a/1991).

“aquele tipo de mulher’ à qual ‘esse tipo de coisa’ é uma preocupação” (Ferenczi 1908c/1955, p. 292). Declaram ainda que, se não fossem demandadas pelos maridos, jamais praticariam tais atividades. As restrições morais, contudo, são insuficientes para fazer um desejo desaparecer, e a libido que fora despertada e não escoada converte-se posteriormente em quadros de neurose de angústia, histeria ou neurose obsessiva, a depender da predisposição neurótica de cada um.

Para entender esse cenário, Ferenczi volta-se à trajetória sexual de ambos os sexos. Retoma que os homens, geralmente, têm diversos encontros sexuais e experiências masturbatórias desde a juventude. Às mulheres, por sua vez, são restritas quaisquer atividades, ou mesmo fantasias, relacionadas à sexualidade. Segundo ele, “a educação doméstica busca garantir que a menina considere como nojento e desprezível tudo aquilo conectado à sexualidade” (Ferenczi, 1908c/1955, p. 293). Tais ensinamentos fazem com que a atividade sexual algumas vezes leve a mulher a um estado de perturbação emocional, devido ao conflito entre desejo e moral, e não à satisfação que seria naturalmente proporcionada. Lescovar e Safra (2005) apontam que a compreensão de Ferenczi sobre a subjetividade encontra-se, desde cedo, atrelada também a aspectos relacionais e socioculturais.

Ao fim de seu texto, Ferenczi comenta estar além de sua capacidade indicar as repercussões sociológicas desse tópico, mas, a partir do que foi trazido, sugere que o direito a uma maior liberdade sexual por parte das mulheres seria um passo adiante, como também notam Vida (1991) e Rachman (2010). Para Ferenczi, a alternativa inversa no caminho para uma maior equidade das experiências sexuais, nesse caso, a maior restrição da sexualidade masculina, resultaria apenas em um aumento ainda maior da ocorrência de casos de neurose. Um relaxamento das normas sociais aplicadas à sexualidade, enfim, poderia colaborar para uma vida sexual mais satisfatória, com a diminuição da ocorrência da ejaculação precoce no homem e da anestesia e fuga neurótica por parte das mulheres.

Tucci (2020) comenta que, embora tal texto possa ser considerado, de certa forma, datado – visto que Ferenczi trata da relação sexual apenas pelo par homem-mulher e que a repressão da sexualidade feminina não é mais tão extrema como na época, devido aos avanços sociais contemporâneos –, as questões trazidas pelo autor ainda se mantêm atuais em certos aspectos, o que ressalta seu valor. Pinheiro (1995) chama atenção para a dimensão potencialmente traumática, para as mulheres, que a assimilação forçada das normas que levam à repressão de sua sexualidade pode assumir, e localiza nesse texto a

raiz da ideia de “invasão do eu” que Ferenczi trará quando abordar a questão da influência do agressor no psiquismo da criança em sua teoria do trauma.

Ao retomar as ideias de Freud sobre a insatisfação sexual e seu papel nos quadros de neurose de angústia, o qual também enfatiza que as normas morais consistem em um impetuoso fator repressor da sexualidade (cf. Freud, 1908/2015), Ferenczi conclui que a configuração social estava exercendo um papel ainda mais acentuado na insatisfação sexual feminina e, conseqüentemente, nos destinos psicopatológicos de tal insatisfação. Diante disso, sugere que mudanças sociais poderiam trazer benefícios a esse cenário, e sua abordagem dá indícios do papel constitutivo, e em outras ocasiões disruptivo, que o meio exerce nos rumos do desenvolvimento psíquico. Isso ressalta o valor desse texto não apenas enquanto sendo o trabalho psicanalítico inaugural de Ferenczi, mas também por ser uma demonstração de seus direcionamentos posteriores dentro da psicanálise⁴.

Os processos específicos que influem na constituição psíquica durante a infância são novamente abordados pelo autor em dois de seus trabalhos seguintes. Primeiro, Ferenczi o faz a partir de considerações sobre a influência do processo educacional no psiquismo e, em seguida, através da investigação de mecanismos primordiais atuantes no processo de formação do eu e da relação deste com o mundo externo.

3. Psicanálise, educação, e algumas considerações sobre o desenvolvimento psíquico

Ferenczi se dedica a questões relacionadas propriamente à educação e ao psiquismo numa conferência proferida em abril de 1908, a convite de Freud, naquele que viria a ficar conhecido como o Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise (Raphael-Leff, 2012). Essa é a primeira vez que Ferenczi fala diante de um público da psicanálise, o que ressalta a importância do tema por ele escolhido, das questões trazidas a seus novos colegas e do modo como as apresenta (Kupermann & Dean-Gomes, 2021).

Sua fala é publicada no mesmo ano sob o nome de “Psicanálise e Educação” (Ferenczi, 1908b/1955), e consiste no primeiro trabalho exclusivamente sobre a educação na literatura psicanalítica (Brabant, Falzeder & Campieri-Deutsch, 1993). Freud já havia abordado algumas questões pontuais sobre a educação em sua obra (Caropreso, 2012), porém ainda não havia dedicado um texto especificamente a essa questão. A versão publicada, além disso, contém trechos não abordados na conferência, incluídos por

⁴ Quanto à clínica de Ferenczi, Borgogno (1999) e Tucci (2020) localizam, nesse texto, as raízes de algumas características de seu futuro programa terapêutico, como a importância de um ambiente adequado ao crescimento saudável do sujeito. Ele atribuirá ao analista o papel de representar tal ambiente.

Ferenczi com o objetivo de aprofundar pontos que foram tratados apenas de modo breve durante o congresso (Ferenczi, 1908b/1955; Kupermann & Dean-Gomes, 2021).

Ferenczi novamente enfatiza a relação sujeito-ambiente nesse trabalho e discute como o psiquismo infantil é afetado pela educação. Avello (2018) e Kupermann e Dean-Gomes (2021) identificam aqui as sementes das ideias psicanalíticas de Ferenczi sobre a interação da criança com seu meio, assim como algumas das consequências psíquicas advindas dessa interação. Likierman (2012) acrescenta que, para além da argumentação psicanalítica, o autor também se encontrava indo ao encontro das correntes progressistas que cresciam na Europa naquele momento, assim como atacando sistemas educacionais de cunho fortemente religioso operantes em Budapeste e em partes do continente europeu.

Ferenczi (1908b/1955) parte da consideração de que a educação infantil, como vinha sendo praticada naquele momento, estaria causando danos psíquicos que seriam evitáveis. O autor argumenta que certas características do processo educacional poderiam favorecer, ou mesmo potencializar, a irrupção futura de quadros neuróticos. A partir disso, indica a necessidade de se olhar com mais profundidade para os primeiros anos da formação do psiquismo e para as relações ali estabelecidas entre a criança e seu meio. Ao retomar importantes pressupostos freudianos sobre o funcionamento psíquico e relacioná-los ao processo educacional, Ferenczi estabelece o foco de sua argumentação. Ele diz:

A tendência de manter a existência sem dor ou tensão, o princípio do desprazer, deve ser considerada, como Freud o faz, a reguladora natural e primordial do aparato mental assim como ela aparece no recém-nascido. Apesar da imposição posterior de mecanismos mais complexos, um princípio do desprazer mais ou menos sublimado permanece soberano na mente do adulto civilizado e se manifesta como uma tendência natural à experimentação da maior gratificação possível ao custo do menor esforço possível. Toda educação insiste em se acertar com essa tendência. A educação dos dias atuais não. Ao invés disso, ela sobrecarrega a mente com ainda mais compulsões do que as circunstâncias externas já suficientemente demandam, e o faz fortalecendo o recalçamento que era, originalmente, uma medida defensiva adequada, mas que, em excesso, leva ao adoecimento. (Ferenczi, 1908b/1955, p. 281)

Para uma melhor compreensão da argumentação do autor, é importante esclarecer brevemente os pressupostos freudianos aos quais Ferenczi se refere no trecho citado. No Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2019) diferencia dois tipos de processos psíquicos. Os chamados “processos primários”, que seriam totalmente inconscientes e estariam presentes no aparelho desde o início da vida psíquica. Estes, além disso, seriam livres de inibição e buscariam descarregar as excitações da forma mais

direta possível, o que seria feito através da via alucinatória. Tal descarga seria sentida como satisfação, visto que qualquer acúmulo de excitações no aparelho seria sentido como desprazer. Esses processos seriam, portanto, regidos pelo princípio do desprazer⁵, o qual seguiria a tendência fundamental do aparelho: manter a quantidade de excitação no aparelho no nível mais baixo possível (Maciel, 2020).

O curso das excitações presentes no aparelho psíquico, desse modo, seria regulado pelas percepções de prazer e desprazer. A “essa corrente que, no aparelho, partindo do desprazer, visa o prazer”, Freud (1900/2019, p. 652) dá o nome de desejo. O primeiro desejar viria de um investimento alucinatório de determinada lembrança primordial de satisfação, como a experiência de cessação da fome. Nesse momento de seu pensamento, Freud compreendia essa primeira vivência de satisfação como a vivência originária na estruturação dos processos psíquicos normais (Caropreso & Simanke, 2006).

A partir da frustração oriunda da descarga inadequada de excitações pela via alucinatória, visto que nem sempre o objeto de satisfação fantasiado seria encontrado na realidade, Freud (1900/2019) sustenta que um segundo tipo de processo entra em cena num segundo momento. Os chamados “processos secundários” emergiriam de forma a inibir a descarga imediata da excitação. Através desse processo inibitório, parte da excitação proveniente da necessidade seria direcionada para a motilidade voluntária, o que tornaria possível obter a real satisfação das necessidades a partir da modificação direta do mundo externo, adequando desejo e realidade. Os processos secundários, desse modo, inibiriam os primários, levariam em conta o mundo externo na realização dos desejos e tornariam possível o pensamento consciente, promovendo um alívio mais efetivo do desprazer.

Um desejo só poderia tornar-se consciente, contudo, caso seu conteúdo também não fosse fonte de desprazer, prossegue Freud (1900/2019). No caso de a realização de um desejo vir a gerar ainda mais desprazer, em vez de satisfação, devido a seu conteúdo ser incompatível com as metas do processo secundário, entraria em ação um mecanismo – o recalçamento – capaz de impedir o acesso de tal conteúdo desprazeroso à consciência, forçando assim seu retorno ao inconsciente.

Retornando ao pensamento de Ferenczi (1908b/1955), a educação, para ele, está relacionada à atuação dos processos secundários⁶, visto que a educação visa regular os

⁵ Esse princípio, posteriormente, passa a ser chamado de princípio do prazer (Freud, 1911/2010).

⁶ Freud (1911/2010) posteriormente incluirá a educação como um dos elementos relacionados à transição do princípio do prazer ao princípio de realidade – este o regente dos processos secundários.

impulsos de desejos do sujeito e acertar-se com as demandas do princípio do desprazer. O processo educacional, defende o autor, deveria se dar não pela deposição total dos objetivos de gratificação do princípio do desprazer, mas sim através de uma espécie de conciliação com estes. Dean-Gomes (2016) esclarece que o que estaria contribuindo para a emergência de quadros neuróticos derivados do processo educacional é que, ao invés de apontar meios mais efetivos para a realização dos objetivos desse princípio, a educação estaria indo em oposição a este, forçando recalcamientos e levando ao psiquismo ainda mais desprazer.

Seguindo adiante, Ferenczi (1908b/1955) apresenta mais detalhadamente o que seria uma educação mal conduzida, e como esta prejudicaria o psiquismo da criança e, futuramente, do adulto. Segundo ele, certas concepções de mundo impostas às crianças nesse período, somadas à amnésia infantil, levariam os sujeitos a se emaranharem num tipo de ciclo vicioso. Complexos representacionais fundados nos primeiros anos da vida da criança pela transmissão dos cuidadores se manteriam fixos até a vida adulta, e seriam transmitidos indiscriminadamente à geração seguinte. Para Borgogno (1999, p.174), tal amnésia consiste no principal fator patogênico, pois “promove a transmissão de comportamentos coercitivos, de repressões mistificantes e de identificações alheias”.

Os complexos mais danosos, que, segundo Ferenczi, estariam sendo transmitidos na educação daquele momento, seriam concepções de mundo socialmente influenciadas que levam à rigidez do psiquismo, como dogmas religiosos, patriotismos exacerbados e repressão sexual (Ferenczi, 1908b/1955). As concepções extremas de mundo, no adulto, seriam derivadas de formações reativas, as quais estariam encobrando os reais desejos diametralmente opostos por trás delas mesmas. Ao serem passadas às crianças pela via de uma educação dogmática, elas potencializariam o processo de recalcamientos dos desejos, ao longo do desenvolvimento, e aumentariam a chance desse processo resultar tanto em sintomas neuróticos, devido à impossibilidade da descarga efetiva das excitações exigida pelo princípio do desprazer, quanto na persistência e defesa irracional de tais dogmas.

Esse processo daria origem a um tipo de “personalidade distinta” no indivíduo. De um lado, haveria pensamentos conscientes moldados pelas visões de mundo passadas durante o processo educacional. De outro, desejos inconscientes recalcados devido à incompatibilidade com tais concepções, frequentemente reforçadas pelos educadores, os quais se manifestariam nos diversos quadros neuróticos e formações reativas. Ferenczi (1908b/1955, p. 288) argumenta que tal “personalidade distinta” é formada visando

defender o sujeito de seus próprios impulsos endógenos. Este, logo, se vê forçado a criar “muralhas de moralismo, religiosidade e dogmatismo social” para não reconhecer em si tais impulsos, os quais, ainda assim, se mantêm fortes e ativos no inconsciente.

Outra consequência apontada por Ferenczi seria uma espécie de intolerância hipócrita relativa às divergências existentes no meio social, assim como a agressividade advinda dessa intolerância. Sobre isso, ele argumenta que “a extrema rigidez salva o moralista de ver a si mesmo e ao mesmo tempo permite a ele dar vida a um de seus maiores impulsos inconscientes, no caso a agressividade” (Ferenczi, 1908b/1955, p. 288).

O objetivo do processo educacional ideal, portanto, deveria ser o de possibilitar ao sujeito alcançar um maior nível de esclarecimento sobre o mundo, sobre si e sobre seus desejos, e não o oposto, nesse caso, reforçar a negação e o recalçamento destes. Ferenczi (1908c/1955) defende que seria através do conhecimento de si que o sujeito poderia buscar uma maior desalienação dos complexos transmitidos em seus primeiros anos e, conseqüentemente, o alívio dos sintomas neuróticos derivados dos desejos recalçados. É precisamente nesse ponto que o autor enfatiza as possíveis contribuições da psicanálise:

Quando, após a cura psicanalítica, um paciente até então seriamente neurótico torna-se cômico dos impulsos inconscientes de sua mente, impulsos estes condenados pelas morais vigentes ou por suas próprias noções morais, seu sintoma desaparece. E isso também acontece quando o desejo que se manifestou de forma simbólica no sintoma neurótico deve permanecer insatisfeito devido a obstáculos intransponíveis em seu caminho. A psicanálise não leva a um regime desmedido de instintos egoístas que são, ou podem ser, inadequados para o indivíduo, mas à liberação dos vieses que dificultam o autoconhecimento, ao discernimento dos motivos previamente inconscientes e ao controle dos impulsos agora conscientes (Ferenczi, 1908b/1955, p. 289).

Ainda que os desejos não fossem, ou pudessem ser realizados, a emergência destes à consciência favoreceria o controle sobre eles, o que não seria possível sob o efeito do recalçamento e de suas conseqüências. Desse modo, o alívio do recalçamento e o reconhecimento destes desejos não feririam profundamente o funcionamento da sociedade, nem o laço social, mas apenas tornariam os sujeitos menos neuróticos e mais compreensivos e tolerantes uns com os outros e consigo mesmos, defende Ferenczi (1908b/1955). Esse processo, para ele, levaria não a uma ameaça à civilização, mas sim a um aperfeiçoamento desta (Dean-Gomes & Kupermann, 2021).

Ao analisar a influência do processo educacional no psiquismo num de seus primeiros trabalhos, Ferenczi aborda, de um ponto de vista psicanalítico, os primeiros

anos da vida, o que ressalta seu interesse, desde cedo, nos processos de constituição do psiquismo. O autor abre diversos caminhos de investigação, como a influência das primeiras relações objetais, o processo de inclusão do mundo externo no eu e a relação desses pontos com o princípio do desprazer, os quais percorrerá em trabalhos posteriores (Avello, 2018).

No texto sobre a ejaculação precoce, Ferenczi se deteve majoritariamente na influência do meio na (in)satisfação sexual e nos quadros neuróticos dela derivados, principalmente na mulher. No texto sobre a educação, o autor focou a relação entre criança e meio através dos prejuízos que uma educação dogmática pode causar ao psiquismo. Num texto seguinte, ele aborda alguns processos gerais relativos à própria formação do eu, assim como os mecanismos que fazem a ponte entre este e o mundo.

4. Transferência, Introjeção e os primórdios da relação entre o psiquismo e o mundo

O ponto de partida de Ferenczi em “Transferência e Introjeção” (1909a/1916), publicado no ano seguinte aos dois textos abordados, consiste na relação da transferência psicanalítica com o funcionamento psíquico do neurótico. A partir disso, faz algumas considerações sobre determinados mecanismos primitivos atuantes na constituição do psiquismo e apresenta uma de suas formulações mais importantes – o conceito de introjeção. As hipóteses discutidas nesse texto complementam diretamente o que o autor desenvolvera até então, visto que é a partir da noção de introjeção que Ferenczi discorre sobre como o eu é capaz de tomar para si elementos do mundo, e as especificidades desse processo. Kupermann (2019, p. 111) pontua que a motivação principal de que levou à escrita desse trabalho era a de “indicar que a condição para a transferência psicanalítica reside em um processo mais elementar e universal, que Ferenczi nomeia de introjeção”.

Ferenczi inicia seu texto retomando a definição freudiana de transferência vigente naquele momento, encontrada no “caso Dora” (Freud, 1905/2016). Ele enfatiza que esse mecanismo consiste numa espécie de reedição e reprodução de antigas fantasias e tendências afetivas que a análise desperta no paciente, e deve neste torná-las conscientes. No processo transferencial, pessoas outrora importantes para o paciente são substituídas inconscientemente pela pessoa do analista, e as fantasias e afetos originalmente direcionados a tais pessoas passam, então, a ser igualmente direcionadas a este. Devido ao complexo de Édipo, essas pessoas substituídas na transferência pela figura do analista seriam, muitas vezes, os pais – os primeiros objetos de amor (Silva & Caropreso, 2020).

Esse mecanismo, por sua vez, não se limita ao contexto analítico, embora este seja propenso à manifestação transferencial. Ferenczi (1909a/1916, p. 31) indica que “a transferência é um mecanismo psíquico característico da neurose em geral, o qual é evidenciado em todas as situações da vida e que subjaz à maioria das manifestações patológicas”. Na neurose, a transferência resulta no direcionamento inconsciente de afetos há muito esquecidos a pessoas presentes no contexto atual da vida do sujeito. Este, muitas vezes, demonstra intensidades afetivas desproporcionais diante dessas pessoas, como ódio ou amor exagerados, incondizentes com aquela relação. A análise consiste no dispositivo ideal para fazer com que tais conteúdos tornem-se conscientes e sejam compreendidos, visto que o analista poderia encaminhar o interesse do paciente às fontes primitivas de tais afetos e fantasias que ali se manifestarem, dando a estes um destino mais satisfatório. Assim, diz Ferenczi (1909a/1916), a transferência para a pessoa do médico é apenas uma de suas manifestações, no entanto, apresenta extrema importância.

A relação entre a transferência e o funcionamento neurótico, além disso, também está diretamente relacionada ao princípio do desprazer, acrescenta o autor. O refúgio do sujeito na neurose tem como objetivo fugir de um prazer que, devido à incompatibilidade com o eu civilizado, converteu-se em desprazer. A libido, originalmente direcionada a determinado complexo de representações, é então recalcada, e um destino patológico é dado a ela. Esses impulsos, que inicialmente visavam o prazer, se manifestam, então, de forma substitutiva nos sintomas. Essa libido, porém, não seria totalmente retirada de tal complexo, o que deixaria “afetos livremente flutuantes” no psiquismo, os quais não seriam bem tolerados. Seriam os resíduos de excitação excedentes nesse processo que predisporiam o sujeito à transferência, e dariam sinais sobre a verdadeira origem do afeto e do sintoma. Silva e Caropreso (2020, p. 4) elucidam que “a transferência se daria a partir da excitação livre, que não poderia ser satisfeita e se voltaria para o mundo externo”.

A partir desses argumentos, Ferenczi apresenta uma diferenciação no modo como a paranoia e a neurose dão conta desses afetos sem descarga. É nesse ponto que o autor apresenta a maior contribuição desse trabalho, ao formular um novo conceito. Ao retomar as considerações de Freud sobre a paranoia, Ferenczi (1909a/1916) indica que, devido à incapacidade de o paranoico retirar seu interesse de algo do mundo externo, este expulsa tal interesse de seu eu, encarando-o como algo de origem externa, direcionado a ele. Dessa forma, o paranoico nega a existência de determinado afeto em si e o atribui a um outro. Esse mecanismo é denominado “projeção”.

Ferenczi (1909a/1916) aponta que, na neurose, ocorre um processo oposto. Ao invés de atribuir ao mundo externo coisas do próprio eu, o neurótico atribui a si coisas do mundo externo, fazendo delas objeto de fantasias inconscientes. Através desse processo, o neurótico procura mitigar a dimensão penosa dos afetos livremente flutuantes que não foram satisfeitos através da descarga de excitação. A esse processo de busca por objetos de identificação, o autor dá o nome de “introjeção”. Logo, enquanto o eu do paranoico se contrai para tentar aliviar o desprazer ao atribuir coisas de si próprio ao mundo, argumenta Ferenczi, o eu do neurótico se dilata, expandindo-se rumo a objetos a serem introjetados e ligados a um afeto que ainda não foi descarregado. Laplanche e Pontalis (1982) creditam devidamente a Ferenczi a introdução do conceito de introjeção na psicanálise.

Os mecanismos de projeção e introjeção que acompanham o funcionamento da paranoia e da neurose, contudo, não se limitariam à psicopatologia. Eles, na verdade, consistiriam em mecanismos primordiais, presentes em todo indivíduo, e potencializados nos quadros psicopatológicos. Para Ferenczi (1909a/1916, p. 41), ao se revisar “a ontogênese do eu com base no novo conhecimento adquirido, chegamos à conclusão de que a projeção paranoica e a introjeção neurótica são meramente casos extremos de processos psíquicos cujas formas primárias são demonstradas em todo indivíduo comum”.

Diante dessas considerações, Ferenczi leva sua investigação a alguns elementos relacionados à própria formação do eu. Ele argumenta que o recém-nascido perceberia todas as coisas de forma monista, independente de um estímulo ser de origem externa ou um processo psíquico interno. Posteriormente, a criança aprenderia a distinguir entre seu eu e um mundo além de si à medida que fosse percebendo aquilo que o autor chama de “malícia das coisas”, ou seja, aquilo que não está à disposição da criança, que não se submete a seus desejos. Bastos (1993) interpreta que seria a partir da impositiva realidade que o eu passaria a reconhecer e diferenciar tanto um mundo interno, quanto um externo – um eu e um não-eu. A percepção monista do mundo, assim, daria lugar a uma dualista.

A primeira atribuição de algo ao mundo externo durante o período inicial da vida, Ferenczi (1909a/1916) nomeia “projeção primordial”, e indica que esta seria o modelo de todas as projeções posteriores. A paranoia, futuramente, utilizaria patologicamente esse caminho como uma forma de expelir os afetos internos e atribuí-los ao mundo, como fazia a criança quando algo a incomodava. Ainda assim, uma parte do mundo externo, ao continuar incessantemente se impondo, não conseguiria ser subtraída do eu pela projeção. Este, então, reabsorveria tal parte, de modo a tentar dar um novo destino aos afetos não

satisfeitos, e expandiria a si próprio de forma a incluir tal objeto do mundo externo como parte de si, transferindo parte das excitações para este objeto agora internalizado. Ferenczi considera que essa seria a raiz dos primeiros sentimentos de amor e ódio, os quais consistiriam na transferência de sensações autoeróticas de prazer e desprazer do eu para os objetos responsáveis por causar tais sensações. A satisfação alimentar, por exemplo, conduziria ao sentimento de amor direcionado a quem satisfaz essa necessidade e proporcionou o alívio do desprazer. Ocorreria, logo, uma “transferência primordial”, em que algo do mundo agora é percebido, devido à sensação autoerótica relacionada a ele, como algo do eu. Ferenczi (1909a/1916, p. 42) diz: “O primeiro ‘amor objetal’ e o primeiro ‘ódio objetal’ são, pode-se dizer, as transferências primordiais, as raízes de cada introjeção futura”.

Cabe comentar que, na edição em português das obras de Ferenczi (1909c/1991), traduzida a partir do francês, o termo “transferência primordial”, aqui adotado, é utilizado como “introjeção primitiva”. Ao se consultar a edição traduzida diretamente do alemão para o inglês por Ernst Jones (Ferenczi, 1909a/1916), o termo encontrado é “*primordial transference*”. Na edição original alemã, o termo adotado é “*urübertragungen*” (Ferenczi, 1909b), de tradução mais próxima à “transferência primordial”. Apesar da variação terminológica, embora Ferenczi não fale nominalmente de uma “introjeção primitiva”, e sim de uma “transferência primordial”, que daria origem às futuras introjeções, é de fato do processo de origem da introjeção que o autor está falando nesse ponto (Maciel, 2020).

De modo a esclarecer os equívocos que podem ser feitos em relação aos conceitos de transferência e introjeção, Silva e Caropreso (2020) esclarecem que, para Ferenczi, a transferência como originalmente concebida por Freud referia-se apenas às introjeções que se manifestam na análise diante do médico, devido à sua grande importância prática. Já o termo introjeção deveria ser usado para todos os outros casos que implicam o mesmo mecanismo. Cabré (2019) destaca que embora Ferenczi inicialmente apresente o conceito de introjeção através de sua relação com a neurose, logo em seguida o autor o expande ao funcionamento psíquico saudável, e nele inclui a transferência e as relações objetais.

Em relação a esse movimento expansivo do eu rumo ao mundo e aos seus objetos, Kupermann (2019) comenta haver, no psiquismo, um impulso libidinal constante em busca de novos objetos de identificação, o qual evidencia a insuficiência constitutiva do corpo pulsional. Esse ponto vai ao encontro da consideração feita por Pinheiro (1995) de que a introjeção decorre de uma expansão da pulsão, autoerótica em sua origem, ao objeto, em busca de representação. É possível pensar que, pelo fato da libido nunca se

encontrar plenamente satisfeita, ela estaria sempre em busca de novas possibilidades de satisfação, o que aumentaria, cada vez mais, a quantidade de elementos externos integrados ao eu.

Como esclarece Borgogno (2011), para Ferenczi, a introjeção é considerada um processo fundador do psiquismo tão importante quanto a projeção. Brum (2019) também interpreta a introjeção como um processo inaugural do psiquismo, e acrescenta que é a partir do contato com o outro que o sujeito passa a ser capaz de se apropriar cada vez mais de si e do mundo ao seu redor. Avelar (2020) sustenta ser possível pensar o eu como uma rede que se expande a partir da experiência objetal e do movimento introjetivo.

Ferenczi (1909a/1916) acrescenta que os processos de deslocamento afetivo vistos na introjeção e na projeção podem, igualmente, ser encontrados nas mais diversas esferas do cotidiano, como nas visões políticas, religiosas e mitológicas. Tais domínios seriam meios não patológicos de atenuar e dar um destino aos afetos livremente flutuantes.

É possível pensar, porém, a partir do que o autor traz em “*Psicanálise e Educação*” (Ferenczi, 1908b/1955), que visões políticas e religiosas seriam destinos mais saudáveis para tais afetos apenas em ocasiões em que há possibilidade de plasticidade e flexibilidade psíquica. Já ocasiões de extremismo religioso e político levariam ao enrijecimento das crenças e das visões de mundo e tornariam o eu inflexível, potencializando os conflitos internos e o desenvolvimento de neuroses, e assim trazendo mais prejuízos do que ganhos psíquicos ao sujeito. Além disso, como trazem Borgogno (2011) e Brum (2019), a criança coloca tudo o que pode dentro de si, pois ainda não é plenamente capaz de selecionar ou se defender do que é absorvido do mundo. São introjetados não apenas os objetos, como suas características e sentidos (Pinheiro, 1995), sejam quais forem. Desse modo seriam originadas, nas palavras de Borgogno (2011, p. 109), “as sucessivas identificações do indivíduo e até a própria visão de si e do mundo que caracteriza cada um de nós, incluindo as formas tendenciosamente patogênicas que essas visões podem assumir”.

Fica nítido, aqui, como as ideias do texto sobre a introjeção vão diretamente ao encontro das ideias presentes nos textos anteriores de Ferenczi que foram abordados, e como complementam-se mutuamente. Após a introdução do conceito de introjeção como um dos mecanismos primitivos do eu, é possível pensar que, no contexto educacional e de crescimento do sujeito, são introjetados não apenas os objetos responsáveis pelas sensações de prazer e desprazer, como os pais, professores e cuidadores, mas também as próprias visões de mundo destes. Isso reforça o caráter constitutivo que certo ambiente possui no desenvolvimento da criança, e a dificuldade posterior que o adulto tem de livrar-

se do ocasional desprazer que determinados ideais, introjetados tão cedo junto aos objetos de amor, podem vir a causar quando opostos aos próprios desejos. Essa ideia, inicialmente introduzida antes do conceito de introjeção ser postulado, encontra sustentação um pouco mais à frente em “Transferência e Introjeção” (Ferenczi, 1909a/1916). O autor comenta que, dentre os complexos de representação introjetados na infância e que se mantêm de extrema importância ao longo da vida, os principais estão ligados às pessoas dos pais.

Um último ponto merece ser trazido. Quando Ferenczi cita “normal” em oposição a “patológico”, ao discorrer sobre a introjeção e a projeção, ele não está se valendo de um caráter qualitativo de taxaço, e sim quantitativo. Ele ressalta, apoiando-se em Freud, que a neurose não detém um conteúdo psíquico característico que a diferencia de uma suposta “normalidade”. A primeira diferença entre esses estados consiste na quantidade de excitação dos afetos não descarregados e nos destinos destes. A tendência excessiva à transferência, na neurose, consiste em uma espécie de vício na introjeção (Ferenczi, 1912/1955). A segunda diferença consiste no fato de que, enquanto num quadro não patológico grande parte das introjeções são conscientes, no neurótico, grande parte é recalçada, manifestando-se indiretamente através de fantasias inconscientes. Nas neuroses, as introjeções que foram forçadas a permanecer no inconsciente “aparecem na forma de formaçoões reativas, como uma acentuaçoão excessiva na consciência de uma corrente de sentimentos oposta àquela do inconsciente” (Ferenczi, 1909a/1916, p. 45).

Esse fenômeno relacionado à formação reativa também pode ser encontrado em “Psicanálise e Educação” (Ferenczi, 1908b/1955), e é complementado pelas hipóteses de Ferenczi sobre a introjeção. No primeiro texto, o autor comenta que, muitas vezes, em situações de ideais dogmáticos, ideias irracionalmente e agressivamente defendidas são, na verdade, diametralmente opostas ao desejo inconsciente por trás delas. Devido à incompatibilidade de tal desejo com uma visão extrema de mundo primordialmente adquirida e reforçada, este desejo mantém-se no inconsciente pelo recalçamento, o qual é potencializado pela força de tal visão de mundo. Pode-se pensar o mesmo em relação ao ocasional desprezo da mulher pelas suas necessidades sexuais devido ao patriarcado, exposto em “Sobre o significado da ejaculaçoão precoce” (Ferenczi, 1908c/1955). Essas situações podem ser mais bem compreendidas a partir das formulaçoões de Ferenczi (1909a/1916) sobre a introjeção na neurose, na medida em que o autor aponta que certo elemento do mundo externo, originalmente introjetado como algo da ordem do amor, se manifesta na consciência como ódio àquele elemento devido à formação reativa relativa àquela introjeção. Fica nítido, também a partir das consideraçoões sobre a psicopatologia,

como os trabalhos iniciais de Ferenczi dialogam entre si, e também como as formulações teóricas de “Transferência e Introjeção” desenvolvem as hipóteses apresentadas em seus dois trabalhos anteriores.

5. Conclusão

Com base no que foi apresentado, é possível notar que Ferenczi aborda questões relativas ao desenvolvimento do psiquismo e a relação deste com o mundo externo desde seus primeiros trabalhos psicanalíticos. Antes de formular o conceito de introjeção, mecanismo responsável por incluir elementos do mundo externo no eu, ele já vinha fazendo considerações sobre como certas características do ambiente influenciariam o desenvolvimento e o funcionamento do psiquismo. É possível perceber, além disso, uma certa linearidade no modo como ele se apropria dessas questões.

Em “Sobre o significado da ejaculação precoce” (Ferenczi, 1908c/1955), Ferenczi foca o modo como a moral sexual vigente na época estava levando as mulheres, principalmente, a quadros neuróticos causados pela insatisfação sexual, visto que desde jovens eram ensinadas a desprezar esse aspecto de suas vidas. Em “Psicanálise e Educação” (Ferenczi, 1908b/1955), o autor volta seu foco à infância e procura elucidar, a partir disso, como a transmissão de certos conteúdos pelos cuidadores das crianças estava colaborando para a irrupção posterior de quadros neuróticos. Em “Transferência e Introjeção” (1909a/1916), por fim, Ferenczi avança ainda mais sua investigação acerca dos processos internos do eu e da relação deste com seu meio ao formular o conceito de introjeção. Ao parear esse conceito à já conhecida projeção, o autor faz novas considerações acerca de como as particularidades do mundo externo seriam absorvidas pelo psiquismo desde seus primórdios, e nele se manteriam. Aborda, também, os destinos saudáveis e patológicos que os conteúdos introjetados desde cedo, e ainda ativos no inconsciente, poderiam ter no funcionamento psíquico posterior. Essas considerações não apenas complementam o que o autor vinha construindo até então, como também abrem diversos caminhos clínicos e metapsicológicos de investigação, que o autor percorrerá em seus textos posteriores.

Visto isso, é possível considerar que a linha teórica percorrida por Ferenczi para justificar a postulação do conceito de introjeção inicia-se antes mesmo do texto que porta o nome deste conceito. Isso não retira a centralidade e a importância de “Transferência e Introjeção” em sua teoria. Pelo contrário, apenas reforça a continuidade de um processo gradual de construção teórica e os importantes resultados que dela vieram.

A importância desse conceito perdurou na psicanálise. Logo após a publicação do trabalho, Freud escreve a Ferenczi comentando que o artigo vinha sendo lido por outros psicanalistas e diz: “não possuo dúvidas quanto ao sucesso do artigo como um todo, mas ainda não tenho certeza se o termo introjeção será duradouro” (Freud *apud* Brabant, Falzeder & Campieri-Deutsch, 1993, p 113). Na correspondência seguinte, datada de 19 de dezembro de 1909, Freud informa a Ferenczi que o artigo vinha sendo bem recebido. Jung também escreve a Ferenczi, em 6 de dezembro de 1909, parabenizando-o pelo reconhecimento do artigo por Freud e, em 25 de dezembro, reiterando a boa impressão que causara em outros psicanalistas (Jung *apud* Adler & Jaffé, 2015). Quanto à incerteza sobre a duração do termo “introjeção” citada por Freud, é possível notar que tal conceito perdurou na psicanálise, sendo empregado em maior ou menor escala por outros psicanalistas, conforme os contornos de suas obras. Com relação a Freud, esse conceito é utilizado posteriormente por ele em alguns de seus trabalhos subsequentes, ainda que de forma menos frequente e ampla da que por Ferenczi (May, 2019). Tal conceito também é desenvolvido e repensado por outros autores, através de suas próprias interpretações, como por Melanie Klein (Laplanche & Pontalis, 1982) e Otto Kernberg (Krause, 2010), entre outros.

Por fim, é possível concluir que, ao discutir sobre como a moral sexual e a educação vinham afetando o psiquismo em seus primeiros trabalhos psicanalíticos, Ferenczi já dava os primeiros passos que o levariam a fundar o importante conceito de introjeção. Acreditamos que o estudo das contribuições desse autor sobre a relação do eu com o mundo externo aqui desenvolvido pode contribuir para a difusão da originalidade e da importância de sua teoria, para o preenchimento de uma lacuna relativa à redescoberta de suas contribuições, para o resgate da história do movimento psicanalítico e para a construção de novas possibilidades de pesquisa e prática para a psicanálise atual.

Referências

- Adler, G. & Jaffé, A. (2015). *C. G. Jung Letters: Volume I – 1906-1950*. London & New York: Roudledge.
- Avelar, A. S. P. (2020). Uma revisão sobre o conceito de ego na clínica contemporânea. *Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*, 42(42), 173-188. Disponível em: https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/149.

- Avello, J. J. (2018). Ferenczi's concept of "the unwelcome child". In A. Dimitrijevic, G. Cassullo, & J. Frankel (Eds.), *Ferenczi's influence on contemporary psychoanalytic traditions* (pp. 122-128). London and New York: Routledge.
- Balint, M. (1967). Experiências técnicas de Sándor Ferenczi. In: B. B. Wolman (Org.). *Técnicas psicanalíticas 2*, (pp. 9-34, trad. M. C. Celidônio). Rio de Janeiro: Imago.
- Bastos, L. A. M. (1993). Transferência e desenvolvimento do ego: uma abordagem ferencziana. *Percurso*, (10), 45-49.
- Borgogno, F. (1999). *Psicanálise como Percurso*. Rio de Janeiro: Imago.
- Borgogno, F. (2011). Ferenczi, o "analista introjetivo". *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(2), 105-117. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000200019.
- Brabant, E., Falzeder, E., & Giampieri-Deutsch, P. (1993). *The Correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi Volume 1, 1908-1914*. Cambridge: Harvard University Press.
- Brum, S. (2019). A crise dos sentidos: uma perspectiva ferencziana. *Tempo psicanalítico*, 51(2), 224-243. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200011.
- Cabré, L. J. M. (2019). O conceito de introjeção e sua evolução na teoria de Ferenczi. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(3), 587-601. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/472>.
- Câmara, L., & Herzog, R. (2014). Um e outro: Ferenczi e a epistemologia. *Psicologia USP*, 25(2), 125-133. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420130041>.
- Caropreso, F. (2012). Freud e o impossível ofício da educação. In P. E. Oliveira (Org.). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências* (pp. 286-299). Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes.
- Caropreso, F. (2019). O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, 24. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/1807-0329e42588>.

- Caropreso, F., & Simanke, R. T. (2006). Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9, 207-224. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000200004>.
- Cassullo, G. (2018). Ferenczi before Freud. In A. Dimitrijevic, G. Cassullo, & J. Frankel (Eds.), *Ferenczi's influence on contemporary psychoanalytic traditions* (pp. 18-24). London and New York: Routledge.
- Dean-Gomes, G. (2016). *De Viena a Wiesbaden: O percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Brasil.
- Ferenczi, S. (1908a). Do alcance da ejaculação precoce. In A. Cabral (Trad.). *Psicanálise I* (pp. 1-4). São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Ferenczi, S. (1908b). Psychoanalysis and Education. In M. Balint (Ed.). *Final contributions to the problems and methods of psychoanalysis* (pp. 280 -290). Karnac: London and New York, 1955.
- Ferenczi, S. (1908c). The effect on women of premature ejaculation on men. In M. Balint (Ed.). *Final contributions to the problems and methods of psychoanalysis* (pp. 291-294). Karnac: London and New York, 1955.
- Ferenczi, S. (1909a). Introjection and Transference. In E. Jones (Org.). *Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis* (pp. 30-79). Boston: The Gorham Press, 1916.
- Ferenczi, S. (1909b). Introjektion und übertragung. *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschung*, 1(2), 422-457.
- Ferenczi, S. (1909c). Transferência e Introjeção. In A. Cabral (Trad.). *Psicanálise I* (pp. 77-108). São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Ferenczi, S. (1912). On the definition of Introjection. In M. Balint (Ed.), *Final contributions to the problems and methods of psychoanalysis* (pp. 316 -318). Karnac: London and New York, 1955.
- Freud, S. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. (1905). Análise fragmentária de um caso de histeria (“O caso Dora”). In S. Freud, *Obras Completas* (Volume 6, pp. 173-320). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Freud, S. (1908). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In S. Freud, *Obras completas* (Volume 8, pp. 359-389). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Sigmund Freud: Obras Completas* (Volume 10, pp. 81-91). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- Herzog, R., & Pacheco-Ferreira, F. (2015). Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18(2), 181-194. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>.
- Honda, H. (2018). *Sándor Ferenczi e as perspectivas da psicanálise*. Curitiba: Appris.
- Krause, R. (2010). An update on primary identification, introjection, and empathy. *International Forum of Psychoanalysis*, 19(3), 138-143. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08037060903460198>.
- Kupermann, D. (2019). *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D., & Dean-Gomes, G. (2021). Sándor Ferenczi e os Princípios para uma Ética do Cuidado nas Práticas Educativas. *Interacções*, 17(59), 28-49.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1982). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lescovar, G. Z., & Safra, G. (2005). Sándor Ferenczi (1873-1933): o início de um pensamento. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10(1), 113-119.
- Likierman, M. (2012) The “here-and-now” in Ferenczi’s thinking and its influence on Melanie Klein. In J. Szekacs-Weisz, & T. Keve (Eds.). *Ferenczi for our time: Theory and practice*. (pp. 19-25) Londres: Karnac Books.
- Maciel, J. A. Nt. (2020). *A aquisição do sentido de realidade segundo o pensamento de Sándor Ferenczi*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
- May, U. (2019). In conversation: Freud, Abraham and Ferenczi on “Mourning and Melancholia” (1915–1918). *The International Journal of Psychoanalysis*, 100(1), 77-98. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00207578.2018.1556070>.
- Mészáros, J. (2014). Ferenczi in our contemporary world. *Psychoanalytic Inquiry*, 34(2), 112-121. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07351690.2014.850278>.
- Pinheiro, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rachman, A. W. (2010). The origins of a relational perspective in the ideas of Sandor Ferenczi and the Budapest School of psychoanalysis. *Psychoanalytic Perspectives*, 7(1), 43-60. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1551806X.2010.10473073>.
- Raphael-Leff, J. (2012) Instead of an introduction: intimacy and trauma. In J. Szekacs-Weisz, & T. Keve (eds.) *Ferenczi for our time* (pp. xxiv-xxxviii). London: Karnac.

- Silva, M. T., & Caropreso, F. S. (2020). Ferenczi e sua Técnica: um Novo Olhar sobre a Transferência. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(3), 1-14. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e15046>.
- Tucci, F. (2021). *Jogo de linguagem e a ética ferencziana*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Vida, J. E. (1991). Sándor Ferenczi on female sexuality. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 19(2), 271-281. Disponível em: <https://doi.org/10.1521/jaap.1.1991.19.2.271>.